



A. P. Jose Cabral

Contradições salvam Moçambique

J. Henriques Coimbra

NO meio dos conflitos da África Austral, Moçambique emerge finalmente como o país onde tudo se clarificou bem depressa — embora não a tempo de evitar a morte de centenas de milhares de pessoas, de atirar para a miséria mais dolorosa outras tantas vítimas e de prejudicar inexoravelmente o futuro de quase toda uma geração de crianças confrontadas com a guerra, a fome, a doença, a ausência de uma escolaridade mínima.

Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a própria África do Sul, que tanto se encarniçaram contra o regime de Maputo após a independência do território, acabam agora por se transformar — nos dois primeiros casos pelo menos — em autênticos aliados favoráveis ao desenvolvimento do país.

O único verdadeiro obstáculo à consolidação da paz é a Renamo, mas toda a sua estrutura está prestes a tombar definitivamente, tantas são as contradições internas que se vêm revelando e tal o avolumar de dificuldades na sua própria afirmação no exterior.

Um insuspeito relatório preparado pelo Departamento de Estado dos EUA durante três meses, com base no testemunho pessoal de um consultor especializado que percorreu Moçambique e os quatro países vizinhos, entrevistando centenas de refugiados e deslocados, veio este mês denunciar perante o mundo as atrocidades sofridas dia-a-dia pelas populações rurais às mãos da Renamo.

870 mil refugiados

O relatório em causa, apresentado oficialmente em Abril por Robert Gersony, chama também a atenção para que no último ano o volume de refugiados de Moçambique aumentou espectacularmente de 300 por cento, sendo neste momento de cerca de 870 mil pessoas. No mesmo ritmo dos últimos meses, calcula aquele especialista, haverá um milhão de

moçambicanos fora de Moçambique no fim deste ano, enquanto no interior do território os deslocados são já também mais de um milhão, neste momento.

Gersony teve o cuidado de se deslocar a mais de 42 localidades, visitou 25 campos de refugiados (vindos de 48 diferentes distritos moçambicanos, do Norte, do Centro e do Sul) e falou pessoal e directamente com mais de 600 pessoas. Os depoimentos foram recolhidos em entrevistas que duraram até duas horas, em conversas isoladas e fora da vista de terceiros, com a intervenção de um ou mais intérpretes escolhidos por ele próprio, de acordo com os idiomas maternos dos deponentes (18 ao todo, e ainda o português).

Os entrevistados referiram, ao todo, como casos de que tiveram directamente conhecimento, 600 assassinatos de civis, perpetrados a frio e não apenas a tiro, como também utilizando facas, machados e baionetas, ou à fome, ou ainda por asfixia provocada por afogamento forçado no caudal dos rios, por espancamento. Destes casos, 94 por cento são atribuídos a combatentes da Renamo, e, dos 6 por cento restantes, metade seriam da responsabilidade de soldados governamentais e os restantes de homens não identificados pelas testemunhas.

O número total não inclui 200 mortos provocados por fogo cruzado nos combates entre rebeldes e governamentais.

Trabalho forçado

Além das mortes, os refugiados mencionam o trabalho forçado que é imposto às populações, sobretudo em longas marchas para o transporte de equipamento e de alimentação, marchas essas que chegam a durar uma semana ou mais. Os transportes são também frequentemente sujeitos a sevícias e chegam a ser abatidos ou flagelados até à morte quando não conseguem suportar a carga ou a deixam cair.

Crianças executadas

Militantes da Frelimo ou membros da estrutura administrativa das aldeias são frequentemente, segundo o testemunho de várias pessoas, queimados vivos dentro das «palhotas», à vista dos familiares. As crianças filhas de fugitivos que conseguem escapar à Renamo são igualmente vítimas de uma retaliação feroz, que acaba normalmente com a execução e a exibição dos cadáveres com a finalidade de desencorajar outras fugas.

Robert Gersony observou também que os refugiados mais recentes, mas também os de 1987, referem com mais frequência casos de violência da parte dos rebeldes, ao contrário dos que saíram do país antes dessa altura, que muitas vezes foram pressionados pela seca e pela fome, ou pela necessidade de conseguir emprego num território mais próspero. Para o perito norte-americano, deve ter-se dado no interior de Moçambique o abrandamento da violência dos soldados da Frelimo a partir de 1986, momento em que a Renamo passou a ser mais dura nos seus contactos com as populações.

Em resumo, Gersony diz que a Renamo deve ter assassinado já, em Moçambique, cerca de 100 mil pessoas — não tendo o seu relacionamento com o povo ido além da exploração do trabalho e da espoliação dos bens, sejam colheitas, sejam cabeças de gado. A serem verdadeiros os depoimentos dos refugiados, acrescenta o relatório, os rebeldes nunca conseguiram explicar aos aldeões a finalidade da sua luta armada, o seu programa ou sequer as suas aspirações. Pelo contrário, o convívio não terá ido, da parte da Renamo, além desta reciprocidade afinal bem pouco ambiciosa: a troca de todos os sacrifícios, às populações é consentido continuarem com vida...